

MINHA VIDA DE MENINA, O DIÁRIO CLÁSSICO DE DIAMANTINA COMO PRÁTICA CULTURAL DA ESCRITA DE SI

Mariza de Oliveira Pinheiro
UFRN
mariza_pinheirop@yahoo.com.br
Geisa Melo Silva de Assis
UFRN
geisa_assis@yahoo.com.br
Maria Arisnete Câmara de Moraes
UFRN
arisnete@terra.com.br

Duas coisas eu gosto de fazer, escrever e ler histórias, quando encontro.
(Morley, 2004, p. 26)

Esta comunicação propõe-se refletir acerca das relações de gênero e da educação feminina. A intenção é analisar as representações sobre estas temáticas contidas no clássico livro-diário, *Minha vida de menina*, de Helena Morley, como exercício de leitura inserido na perspectiva da Escrita de si como Prática Cultural, a qual revela a intimidade familiar e evidencia o indivíduo como personagem de si mesmo.

O livro foi publicado pela primeira vez, em 1942. Helena Morley é o pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant que escreveu o diário durante os anos de 1893 a 1895, à época com apenas 13 anos de idade e residia na cidade mineira de Diamantina. A autora utiliza-se de pseudônimos para preservar as verdadeiras identidades, sua e de seus familiares.

Foi editado em cinco países: França; Portugal; Itália; Inglaterra e Estados Unidos chamando a atenção de inúmeros intelectuais estrangeiros. No Brasil, destacam-se: Raquel de Queiroz; Carlos Drummond de Andrade; Gilberto Freire; Guimarães Rosa; Mario de Andrade e Rubem Braga. A americana Elizabeth Bishop conheceu o livro durante sua passagem pelo país na cidade de Ouro Preto e foi responsável pela tradução para a língua inglesa. A cineasta Helena Solberg fez a adaptação da História da adolescente para o cinema, com o filme intitulado *Vida de menina*. O filme chegou a ganhar seis prêmios no Festival de Gramado, em 2004.

A obra é formada por episódios que terminam em si, sem seqüência linear de idéias. Trata-se de um diário doméstico como expressão da produção do eu. Numa narrativa detalhada, Helena/Alice revela o cotidiano de sua adolescência e da sociedade semi-rural diamantinense, na zona da mineração, ainda nos anos iniciais da República, momento em que a escravidão acabava de ser abolida oficialmente.

O estudo, *a priori* foi desenvolvido como atividade de leitura dirigida, da disciplina Ateliê de Pesquisa: Gênero, Educação e Literatura III, ministrado pela professora Maria Arisnete Câmara de Moraes e apresentado como seminário na sala de aula da Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Deste exercício de leitura, a partir das concepções de Gênero, Educação e Escrita de si, selecionamos algumas categorias: Infância; Educação familiar; Presença feminina; Escola Normal e Prática Educativa, como fios condutores para compreender como se

travavam as relações de gênero, e como ocorreu a educação da mulher diamantinense, no contexto de final do século XIX.

Utilizamos a abordagem da História Cultural, à luz dos conceitos de configuração, em Elias (1980), em que indivíduo e sociedade apesar de objetos que existem independentes, referem-se a dois níveis inseparáveis do mundo humano, ou seja, são interdependentes. E astúcias da leitura, em Certeau (1994) entendendo que ler é um exercício de ubiquidade, de decifrar às palavras, de desvendar os jogos de espertezas contidos explicitamente e implicitamente na construção da escrita de si.

Assim sendo, buscamos através do estudo perceber através das configurações representadas na obra, o rico manancial de *habitus*, vivenciados pela família de Helena Morley, a luta pela sobrevivência para superar a decadência da mineração, a escassez de alimentos, as crenças, as dificuldades da cidade. Sobretudo nosso intento é apreender a vida que flui cotidianamente através da precocidade e sensibilidade da adolescente, identificando neste clássico livro-diário, as representações da educação feminina, o papel da mulher e as relações de gênero neste dado período.

O diário é o confidente e único amigo da menina. A escrita rotineira, a princípio, iniciou por incentivo do pai, para que ela evitasse criticar ou fazer mexericos sobre os outros. Posteriormente, por imposição do professor de Língua Portuguesa, que exigia uma composição quase diária, tipo descrição, carta ou narração que versassem sobre a rotina de cada aluno e aluna. Alice interessava-se pelo que acontecia em torno de si e da família, casos, intrigas e superstições domésticas, narradas com uma leveza e ingenuidade características da província mineira.

A linguagem coloquial é valorizada. Destacada pelos críticos como transcrição literal da prosa falada, escrita natural, casual e despretensiosa. “É magistral como expressão do tempo e do meio, e merece todo estudo de filosofia”, diz Rubem Braga. Nosso estudo não chega a tão profunda análise. Buscamos através da leitura dirigida, destacar e analisar categorias inseridas na perspectiva de Gênero, Educação e Literatura. A partir da leitura, fizemos uma operação codificadora, ou seja, como o diz Certeau (1994, p. 259), uma operação de caça, articulada nos significantes contidos na escrita de si. Buscamos na subjetividade e na suposta ausência, encontrar as astúcias poéticas contidas no jogo da escrita e neste, o movimento próprio da produção textual do teatro-memória construído por Helena Morley.

Na escrita de si, evidencia-se o uso da primeira pessoa do singular, com a intenção de revelar intimidade. Uma espécie de produção do eu, a qual o indivíduo/autor constrói o personagem de si mesmo, como diz Foucault (1992), é um dar-se a ver. É um mostrar-se, ou seja, a escrita é uma representação do autor(a)/escritor(a), como uma construção, uma invenção. Para este autor, a escrita de si, atenua a solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível, ou seja, desempenha o papel de um companheiro da ascense.

Os diários contêm importantes representações dos modos de ser e agir do sujeito(a) que escreve, originaram-se dos antigos *hypomnematas* surgidos no século I e II. Constituíam-se em livros de contabilidade, cadernos pessoais que serviam de agenda, como livro de vida, guia de conduta, ou ainda um simples auxiliar de memória.

O gênero da obra, apesar de evocar a infância, não é classificado como literatura infantil. Sua relevância, também contida em suas imperfeições e incoerências que possam ser criticadas, repousa na possibilidade que proporciona aos estudos. Nas reflexões, nas subjetividades e representações que podem ser extraídas desta escrita repleta de sinceridade e simplicidade, percebem-se diversas temáticas como: o resgate da infância; as relações com a sociedade; a formação social moldada pela Escola Normal e pela família. Grosso modo, o diário impressiona pela sua atemporalidade, pelo

sentido histórico e pelo valor cultural das informações trazidas, não apenas acerca da vida, personalidade e formação, em particular, mas também sobre a comunidade em que vive.

Sobre a autora

Alice Dayrell Caldeira Brant nasceu no ano de 1880, em Diamantina, Minas Gerais. Em pleno movimento pela abolição da escravatura. A libertação dos escravos, em estados como o Ceará; Maranhão, Amazonas e alguns municípios do Rio Grande do Sul, já estavam sendo efetivados. Morreu, em 20 de junho de 1970, no Rio de Janeiro. Neta de um célebre médico inglês, John Lucy Smith Dayrell nascido, em Bridgtown e de Alice Morley Dayrell (de descendência nobre).

Os Dayrell constituíram-se numa importante família que colonizou o Arraial do Tijuco, hoje Diamantina, em 1830. John era conhecido como “doutor-médico” ou “doutor-inglês”, veio para o Brasil, em busca da cura da tuberculose, que acometia o seu chefe. Em Diamantina, fundou a Santa Casa, onde trabalhou a vida toda. Teve uma grande família, com treze filhos e tinha o costume de deixar as filhas sob a responsabilidade de cada filho. Tiveram uma casa na cidade e outra na fazenda com cerca de 1.200 acres. O pai de Alice, Felisberto Morley Dayrell (Alexandre), é de descendência inglesa, trabalhou na mineração e casou com Alexandrina Brandão (Carolina), de descendência mineira. A família adotou o catolicismo tradicional, entretanto, o avô de Alice era protestante (daí explica-se a implicância da menina com as normas do catolicismo e a exigência da família na educação ao estilo inglês).

Formada pela Escola Normal, Alice aproveitou a sugestão do pai e a exigência das redações diárias do professor de Português para iniciar-se no mundo da escrita. O casamento com o escritor Mário Brant, seu primo legítimo foi fator decisivo para a publicação do diário, que já fazia sucesso nas inúmeras reuniões familiares. Para publicar, Alice concordou desde que fossem utilizados pseudônimos ou prenomes, da autoria e personagens para preservar a família da reação dos moradores de Diamantina. Ela escolheu o nome da avó materna com quem teve uma relação de cumplicidade fraterna.

A pretensão de Alice, ao aceitar a publicação do diário, foi mostrar para suas netas e também as jovens de outras gerações, as peculiaridades da vida rural, a real felicidade da simplicidade interiorana no final do século XIX. Alice procurou destacar o significado da vida sem urbanização, luz elétrica, água canalizada, telefone, meios de transportes e a importância de se valorizar a vida sem as preocupações da atualidade. Descreve com minuciosa riqueza de detalhes a vida cotidiana desta época, bem como, perpetua através da escrita, as peculiaridades da sua família, que representam a sociedade brasileira diamantinense, em finais do século XIX.

Diamantina do final do século XIX

A menina Helena esboça no livro-diário o contexto bastante curioso da vida na província no final do século XIX. A obra, repleta de significados, revela com

perspicácia histórica, o valor cultural das tradições diamantinenses. Em sua essência, alguns aspectos culturais são percebidos na escrita tracejada como mosaico cultural de *habitus* populares. Sobretudo, as suas escritas contêm representações de uma típica família mineira, o racismo pós-abolição da escravatura e a transição dos costumes no início da República. Este contexto é evidenciado por Eulálio (apud MORLEY, 2004, p. 9), na apresentação do livro:

A cidadezinha do Brasil em que viveu a Helena do livro, com a mesma vida pacata de qualquer pequena cidade do mundo, possuía, no entanto características deveras marcantes. Em terra de mineração, entre urbana e rural, a Diamantina do fim do século começava a atravessar um período de decadência econômica bastante grave.

Minas Gerais entrou em decadência econômica após o período do ouro, no final do século XIX. Só começou a se recuperar dois séculos depois. O ciclo do diamante em Diamantina durou até o terceiro quarto do século XIX. A cidade originou-se do Arraial do Tijuco, emancipada em 1831. Os diamantes foram extraídos a mando da Corroa de Portugal ainda no século XVII. Desde, 1999 é Patrimônio Cultural da Humanidade.

No diário, Helena destaca a insistência do pai (Alexandre) na cata do minério, mesmo após seu esgotamento.

Sábado, 10 de Março.

Hoje foi dia de festa em casa.

Meu pai foi segunda feira para o Bom Sucesso onde ele está fazendo um serviço. Era semana de lavra e ele estava com muita esperança na apuração. Meu pai anda tão caipora que ninguém mais espera sorte aqui em casa. Só ele é que diz sempre: “Esperem. Nem sempre o infeliz chora. O dia há de chegar”. Mas não chega nunca. (MORLEY, 2004, p. 136)

Enquanto o pai de Helena escavava a terra à procura de diamantes e de ouro, ela acompanhava a mãe e os irmãos, atravessando, becos, rios e pontes em direção ao Rio, onde lavavam as roupas da família. Perspicaz, Helena observava tudo ao redor, a queda d’água naquele pequeno riacho de pedrinhas minúsculas e arredondadas, as borboletas que voavam e o irmão pescando lambaris, sem esquecer nada, a menina anotava tudo no diário, como registros daqueles preciosos momentos de felicidades.

Outro aspecto, característico da época é a extensão da escravidão, pós-abolição, percebe-se que os negros estavam “libertos”, mais continuavam cativos, submetiam-se a mesma vida servil, pois não tinham condições nem novas oportunidades de vida:

Domingo, 9 de Dezembro.

Eu ainda me lembro de quando chegou a notícia da lei de treze de maio. Os negros todos largaram o serviço e se ajuntaram no terreiro,

dançando e cantando que estavam livres e não queriam trabalhar. Vovó com raiva da gritaria chegou a porta ameaçando com a bengala dizendo: pisem já da minha casa pra fora, seus tratantes! A liberdade veio não foi para vocês não, foi para mim! Saiam já! Os negros calaram o bico e foram para a senzala. (MORLEY, 2004, p. 211).

No diário, Morley (2004, p. 211) destaca também, a “boa” vida que os(as) negros(as) levavam na Chácara da avó. E a satisfação que tinham em servir a família. “Eu gosto de ver como os negros da Chácara são felizes. Mamãe diz que quando vovó morreu, cada filho (eram doze) ficou com os escravos de sua estimação e vovó trouxe os outros que eram uns dez ou doze, quando se mudou para Diamantina”.

As crenças e a religiosidade são também evidenciadas, por Morley (2004, p.36-37):

Segunda-feira, 13 de Março.

Este ano saiu à rua a procissão de Cinzas que há muitos anos não havia. Não sei como eles não faziam mais uma procissão tão importante com tantos santos. São tantos santos que nem vovó, nem minhas tias conheciam todos. Dizem que não saia há muito tempo por falta de santos, porque muitos já estavam quebrados. [...] eu gostei muito da procissão, mas meu pai disse que parecia mais um carnaval e mamãe achou que era um grande pecado meu pai dizer isso.

Este aspecto cultural foi transplantado do modelo europeu, inspirada numa ideologia religiosa, católica de bases humanistas. Segundo Sodré (1999), desde a colonização brasileira, a catequese foi uma das manifestações mais importantes da Contra-Reforma, nela os jesuítas dedicaram especial atenção, na tarefa de conquistar e moldar a consciência do gentio, estendendo este exercício para todas as classes sociais. Estes elementos comprovam a força da contribuição cultural dos religiosos.

Helena Morley, destaca as dificuldades da cidade, ao mesmo tempo em que, demonstra sua consciência reflexiva e contestadora:

Sexta-feira, 15 de Março.

Hoje houve uma grande festa na nossa linda Diamantina. Inauguraram a administração dos correios com muitos fogos, muitos empregados, numa casa muito grande de Seu Antoninho Marcelo. A Rua do Bonfim ficou cheia.

Se me dessem a Diamantina para dirigir, a última coisa que eu poria aqui seria repartição de correio. Não posso compreender como um serviço que seu Cláudio, aleijado, que precisava ser carregado por um preto e posto em cima do cavalo, fazia tão bem, levando na garupa um saco com as cartas e jornais, precisa agora de uma repartição tão aparatosa, com tanto homem dentro. Meu pai diz que tudo isso é política, só para dar empregos, mas não seria melhor que em vez de administração de correios, eles pusessem luz nas ruas para a gente, nas noites escuras, não estar andando devagar com medo de cair em cima

de uma vaca? E encanar a água? Isso também não seria mais útil? Sem carta ninguém morre, mas a água do Pau de Fruta, que corre descoberta, tem matado tanta gente que podia estar viva (MORLEY, 2004, p. 235)

Quarta-feira, 21 de Junho.

No ano da fome eu era muito menina, mas me lembro ainda de algumas coisas daquele tempo. Se eu estivesse maior e mais esperta como hoje, acho que não passaríamos em casa o que passamos naquela ocasião.

Nunca nada me impressionou tanto como a fome daquele ano. Lembro-me até hoje das velas que mamãe acendia no oratório, pedindo a Deus que mandasse chuva. Não havia nada na cidade para se comprar. Os negociantes punham gente nas estradas para cercar os tropeiros para comprar o pouco que eles traziam e vender pelo dobro ou triplo. Quem tinha pouco dinheiro passava fome. Cada dia tudo subia mais. Chegava todo dia notícias de gente morta na redondeza. (MORLEY, 2004, p. 63)

A menina Helena, magra, sardenta e rebelde, cresceu contestando às contradições do seu tempo. Dividida entre a infância e a adolescência. Entre o sonho do diamante redentor e as lavras e minas esgotadas. A História de glórias do passado familiar e a penúria do tempo presente são determinantes na imaginação da menina-moça.

A Infância e a Educação Familiar

Helena adorava passear com Tio Conrado e tia Aurélia no campo, para comer os quitutes que levavam. Mas o que ela não gostava era que eles eram muito educados e estabeleciam regras para tudo. Não se pode andar pelo rio abaixo descalça; não pode subir nas árvores; não se pode fazer nada. Eis um trecho:

Tenho pena das minhas primas com aquele pai tão metódico, como elas dizem. Na casa delas tudo é na hora, tudo é na regra, até palavras, modos, tudo. Engraçado é que as primas vivem horrorizadas de meu pai e mamãe não nos darem educação, como elas dizem, e não fazem passeio sem nós duas, eu e Luizinha. Mas quando chega de tarde, estou mais cansada do que se estivesse trabalhando o dia inteiro, de tanto fingir de educada perto delas.

Não sei se minhas primas têm pena de mim como eu tenho delas. Com certeza. Eu penso que Deus castiga gente educada. (MORLEY, 2004, p. 49)

Escola Normal, professores, disciplinas e prática educativa

O ingresso na Escola Normal para as mulheres no Brasil, de acordo com Freitas (2003, p. 37), significou a possibilidade de formação profissional socialmente permitida. A oportunidade garantiu às mulheres transcender o âmbito doméstico na busca da realização e independência social e econômica desde o século XIX.

Faz hoje três dias que eu entrei para a Escola Normal. Comprei meus livros e vou começar a vida nova. O professor de Português aconselhou todas as meninas a irem se acostumando a escrever todo dia, uma carta ou qualquer coisa que lhes acontecer.

Passei na casa de minhas tias inglesas e encontrei lá Mariana. Ela foi a aluna mais afamada da Escola e sempre ouvi minhas tias falarem dela com admiração. Ela esteve ne animando e disse que o segredo de ser boa aluna é prestar atenção, tomando notas de tudo. (MORLEY, 2004, p. 26)

Para a menina Helena, a Escola Normal representava espaço de apropriação do saber, em sua grande maioria, sem sentido prático. Isto reflete, que a estrutura escolar e a grade curricular de certas Escolas, estavam desvirtuadas do meio em que estavam inseridas, ou seja, tinham suas bases de conhecimento muito distantes da clientela que atendiam.

A implantação do uniforme na Escola foi uma felicidade.

Foi a melhor invenção que eu já vi até hoje. Era muito difícil para nós termos sempre vestido pronto para a Escola; umas andavam bem vestidas mostrando sua riqueza e outras sua pobreza. Agora estamos todas iguais, graças a Deus (Idem, p. 146).

O estado da roupa das crianças devia resultar do aperto nas finanças domésticas decorrente da decadência histórica da economia da província. Helena esboça críticas aos conteúdos adotados na escola questiona a dedicação aos estudos e sua aplicabilidade no futuro.

Sexta-feira, 1º de Março

Acabei de traduzir a fábula de La fontaine da rã que queria ficar do tamanho do boi e não tive tempo para as outras lições. Fiquei pensando

por que existem estas coisas de nós na Escola, se todas ali só estudamos com atenção de ser professoras. Que precisão eu teria de fábula de La Fontaine se for professora no Bom Sucesso, Curralinho ou mesmo em Diamantina?”

Passei quatro anos na escola da Mestra Joaquininha, que é uma das melhores e não me lembro de ter visto lá nada que nos esforçamos para aprender na Escola Normal. Isto é, as outras se esforçam. Não posso dizer que eu seja esforçada; seria até uma injustiça feita a Iaiá Leite, Mercedes, Clélia e outras. (idem, p. 228).

As pessoas consideravam Helena inteligente, mas ela duvidava, pois não gostava de estudar, só gostava, e muito de ler histórias e romances, e de escrever.

A presença feminina

Existem dois personagens masculinos fortes que causaram impacto: o professor Teodomiro e seu pai Alexandre, além de alguns inimigos que a atormentam que é o tio Geraldo e o padre Neves. “Dr. Teodomiro é um dos professores de que nós todas gostamos na Escola. Eu desejava conversar um dia com ele, mas não sei como hei de conseguir isto”, diz Morley (p. 305).

O universo feminino de personalidade marcante e independente está representado no diário. Naquela época, poderíamos pensar que as mulheres eram umas bobocas, fazendo só o que os pais e os maridos permitissem e dizendo amém a todos. Mas, não. Helena surpreendia, dialogava com os pais, dizia-lhes o que bem entendia, discordava, opinava, concordava às vezes, não arredava um milímetro do que considerava ser o correto.

Ninguém na família se preocupa consigo. Todas as minhas tias só se ocupam dos maridos e dos filhos. A pessoa delas não vale nada. Nunca vi mamãe ou qualquer de minhas tias comer uma coisa antes dos maridos e dos filhos. Se alguma coisa na mesa é pouca, elas nem sabem o gosto.

Mamãe eu ainda acho que é a mais abnegada que as outras, porque além dos cuidados com os filhos, é a que tem mais agarramento com o marido. É até falado na família. Quando eu reclamo o pouco caso que ela faz em si e a preocupação conosco e com meu pai, ela responde: “Você verá quando for mãe”. Você não sabe o ditado: ‘Desde que filhos tive nunca mais barriga enchi? É a pura verdade. Minha vida são vocês e seu pai. Se vocês comem, eu fico mais satisfeita do que se fosse eu. (MORLEY, 2004, p. 225).

A formação de Helena foi marcada por personagens femininas:

a) *A avó*: a matriarca, com quem teve uma relação umbilical, mais importante, é o modelo feminino que lhe chama atenção. Rigorosa na educação.

Nenhum neto de vovó se mete na conversa de gente grande. Ninguém na família gosta de menino intrometido. Todos nós quando chegamos na Chácara e tratando de ir brincar no gramado da frente (MORLEY, 2004, p. 82).

Helena e a avó tinham um laço afetivo especial. A amizade, o conforto nas horas precisas e o cuidado com a neta, faziam com que Helena corresse para a casa da matriarca quando o desespero tomava conta. E sempre recebia o carinho.

b) *Carolina*, a mãe: Sempre presente em quase todas as ocupações doméstica, Helena tem uma visão da mãe como alguém que acredita que a vida é feita de sofrimentos. Carolina só está contente quando o marido volta das lavras e é seu amor por ele que a diferencia das outras mulheres da família.

c) *A tia Madge*: a quem sempre teve admiração. De dia a tia ensinava lições de educação e de noite de Economia. Indicava leituras educativas, *O poder da vontade*, e *O caráter*. O assunto era o mesmo, economia, correção, força de vontade. Orientava para as boas maneira falando de pessoas que cospem no chão, coçam a cabeça na sala e interrompem os outros quando falam. No jantar a gente bebe a sopa e espera o criado tirar o prato. Também não se deve palitar os dentes na mesa.

Da leitura percebeu-se o rico manancial de *habitus*, o retrato literal dos costumes de uma família brasileira. As relações de gênero recriadas pela memória, a presença feminina, importante influência na construção da formação social. O cotidiano da educação escolar, a Escola Normal, os professores, as disciplinas, a prática educativa e a consciência reflexiva.

Finalmente, foi uma delícia, um prazer inocente, fazer a leitura do diário de Helena. O diário mostra uma jovem astuta às vezes voluntariosa, impaciente, resposdona, “passeadeira”, rebelde e por outro lado, consciente e questionadora, dos valores, das crenças e das normas impostas pela educação familiar e institucional.

Vale ressaltar que este estudo deve ser entendido como um processo de análise, em construção.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ELIAS, Norbert. **Introdução a Sociologia**. Tradução de Maria Luisa Ribeiro Ferreira. São Paulo: Edições 70, 1980.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **“Vestidas de azul e branco”**: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2003.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 3. Ed. Tradução de Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Prefácio: José A. Bragança de Miranda e Antônio Fernando Cascais: Editora: Veja Passagens, 1992.

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.